

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS ANTES E DURANTE PANDEMIA

Com a pandemia causada pelo novo Coronavírus, a maioria das instituições de ensino em todo o mundo precisou fechar as suas portas, tendo as suas atividades presenciais suspensas. Com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj não foi diferente. Em meados de março de 2020, a notícia de que as aulas seriam suspensas foi dada a todo o Brasil, a princípio durante quinze dias, porém, devido ao número crescente de óbitos em decorrência do vírus desconhecido, grande parte da população acabou ficando meses em casa seguindo protocolos de saúde, como a quarentena e o uso de máscaras, e, conseqüentemente, sofreu grandes impactos sociais, culturais, econômicos, políticos e, principalmente, educacionais.



Fonte: Google Imagens

Considerando este cenário de isolamento social, colégios e faculdades adotaram o ensino remoto com o intuito de não perder o ano ou semestre letivos. A Uerj, como instituição pública, inicialmente, não tinha recurso suficiente para adotar as aulas remotas imediatamente, causando um entrave na retomada das atividades, devido à pouca ajuda

financeira que o Governo disponibiliza para a educação. Embora isto tenha acontecido, a faculdade conseguiu adotar o AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem durante o PAE – Período Acadêmico Emergencial (que continua até os dias atuais) para que fosse possível a volta às aulas de maneira virtual. A partir daí, sempre foi muito perceptível o esforço de todos os professores para que os alunos pudessem aprender as disciplinas de maneira satisfatória, mesmo o ambiente virtual sendo uma novidade para ambos.

Apesar da tecnologia estar a nosso favor neste período crítico, particularmente estranhei bastante o seu uso, não só no momento presente, mas desde quando resolvi fazer uma segunda graduação. Sou formada em Letras, também pela Uerj, e estudei de 2009 a 2012, época em que e-mails eram bastante utilizados, pois não havia WhatsApp. Quando retornei, no 1º semestre de 2018 (diferença de seis anos), estavam sendo utilizados WhatsApp, Google Drive, Google Classroom, entre outras ferramentas que eu tive que aprender a mexer, pois não tinha o costume de manuseá-las em meu dia a dia. Tudo muito novo! Dois anos depois, veio a pandemia e também tive que me adaptar ao AVA, que ocorreu de forma mais rápida.



Fonte: Google Imagens

Contudo, saliento aspectos bons e ruins relacionados à utilização do ambiente virtual atualmente: dentre os bons, está a continuação das nossas atividades acadêmicas da melhor maneira possível dentro das

possibilidades atuais e, dentre os ruins, encontram-se a falta de contato direto com os professores e com os colegas de turma em sala de aula e nos corredores (necessidade do *'aprenderensinar' nos' espaçostempos'*), a demora na resposta de uma dúvida e a quantidade excessiva de horas em frente à tela de um computador – no meu caso, trabalho durante o dia em frente ao computador e, quando chego à noite em casa, tenho que continuar em frente a uma tela para poder estudar – causando cansaço visual e dores de cabeça constantes.

Ainda que os tempos atuais tenham sido bastante difíceis e atípicos, é notória a luta de docentes e discentes para que a educação se faça presente, com o objetivo de despertar o conhecimento para que o aluno possa se tornar um sujeito crítico e autônomo para o desenvolvimento de sua própria história.

Referências:

- ALVES, Nilda. Sobre redes educativas que formamos e que nos formam. In: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.

Sobre a autora:

Jéssica Dias – Graduada em Letras - Português/Italiano e Graduada na Faculdade de Educação – Pedagogia, ambas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj.